



## (Des)legitimidade de consciências na Rússia stalinista

Luciane de Paula<sup>1\*</sup>, Wilder Kleber Fernandes de Santana<sup>2</sup>, Pedro Farias Francelino<sup>2</sup> e Éderson Luís da Silveira<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Av. Dom Antonio, 2100, Parque Universitário, São Paulo, Brasil. <sup>2</sup>Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. <sup>3</sup>Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. \*Author for correspondence. E-mail: lucianedepaula1@gmail.com

**RESUMO.** Este artigo se propõe a analisar o processo de (des)legitimidade de consciências artístico-sociológicas na Rússia durante os primeiros anos do governo stalinista, a fim de recuperar a história dos estudos da linguagem e do contexto de produção dos escritos bakhtinianos. O método que fundamenta a reflexão empreendida está sustentado nos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin (2006 [1979]; 2010 [1920-24]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929], 2013), dentre outros, os quais apresentam críticas ao modelo formalista, vigente na Rússia stalinista. Também se recorre a fontes históricas (Deutscher, 2006 e Fitzpatrick, 2017) para averiguação do contexto político-ideológico do pós-revolução de 1917. A relevância deste manuscrito se concretiza na contribuição de um olhar contemporâneo, mas não anacrônico, que traz à luz uma leitura crítica acerca da construção das abordagens filosófica e (est)ética sobre consciências artístico-sociológicas na Rússia. Os resultados mostram que, apesar da execrável situação a que os membros do Círculo de Bakhtin foram submetidos em meio às tentativas de (des)legitimidade artística por parte do estado russo, os pesquisadores e intelectuais resistiram e se propuseram a (re)pensar o objeto estético (literário) tal como concebido por Stálin, cuja proposta primordial consistia na unificação da língua russa. Dessa forma, aqui não se apresentam apenas movimentos de linguagem para implantação de uma concepção de sistema linguístico, mas uma realidade sócio-histórico-cultural.

**Palavras-chave:** arte; sociologia; Bakhtin; Volóchinov; Medviédev; linguagem.

## (Dis)legitimacy of consciences in stalinist Russia

**ABSTRACT.** This paper aims to analyze the process of (dis)legitimacy of artistic-sociological consciences in Russia during the early years of Stalinist rule, in order to recover the history of language studies and the context of production of Bakhtinian writings. The method that underlies the reflection undertaken is based on the theoretical-methodological assumptions of Bakhtin (2006 [1979]; 2010 [1920-24]), Medviédev (2016 [1928]) and Volóchinov (2017 [1929], 2013), among others, which present criticisms of the formalist model, prevailing in Stalinist Russia. Historical sources are also used (Deutscher, 2006; Fitzpatrick, 2017) to investigate the political-ideological context of the post-revolution of 1917. The relevance of this manuscript is realized in the contribution of a contemporary but not anachronistic look, which brings to light a critical reading about the construction of philosophical and ethical (aesthetic) approaches on artistic-sociological consciences in Russia. The results show that, despite the execrable situation to which the members of the Bakhtin Circle were subjected amid attempts to (un)artistic legitimacy by the Russian state, researchers and intellectuals resisted and proposed to (re)think the aesthetic object (literary) as conceived by Stalin, whose primary proposal was the unification of the Russian language. Thus, this is not only language movements for the implementation of a linguistic system conception, but also a socio-historical-cultural reality.

**Keywords:** Art; sociology; Bakhtin; Volóchinov; Medviédev; language.

Received on September 8, 2020.

Accepted on March 31, 2021.

## Introdução

A Rússia já vivenciou momentos de crises de cunho linguístico, político e identitário, cuja tensão provocada pela ditadura stalinista (Deutscher, 2006 e Fitzpatrick, 2017) incidiu sobre a expressão de ideias, fossem elas artisticamente elaboradas ou não, por parte do estado russo. A arte e a literatura foram

deslegitimadas em grande parte do território soviético, numa tentativa de apagamento da consciência artístico-sociológica, antes florescida por círculos de estudos filosóficos. Nossa pretensão é analisar processos de (des)legitimidade de consciências artístico-sociológicas na Rússia durante os primeiros anos do governo stalinista. Para tal, buscamos respaldo em alguns manuscritos de Bakhtin (1895-1975), Volóchinov (1895-1936) e Medviédev (1891-1938), integrantes do Círculo de Bakhtin<sup>1</sup>, em estudiosos do formalismo russo e em estudos bakhtinianos contemporâneos de pesquisadores que, como nós, recuperam a questão debatida como forma de revisão teórica, a partir do paradigma sociológico materialista histórico-dialético<sup>2</sup>, que ancora os estudos dialógicos.

Ao lermos os diversos escritos de Bakhtin e de outros estudiosos ativos na Rússia pós-revolucionária, a partir de 1917, deparamos com propostas de caráter não apenas inovador, mas, sobretudo, ousado, instigante e persuasivo. Isso se dá sob um viés que ultrapassa questões de ordem linguística, pela bravura com que os diversos grupos de intelectuais [filósofos e artistas em geral, como Paula e Luciano (2020a, 2020b) já demonstraram] formados nesse período se posicionaram politicamente, apesar de estarem no cerne de um sistema de teor hierarquizante<sup>3</sup>, na confluência de linguagens e esferas de atividades, na busca de subversão ao dogmatismo predominante.

Três grandes áreas do saber merecem destaque no crivo das obras bakhtinianas: a filosofia, a sociologia e a literatura, pois foi no centro dos referidos campos que o filósofo soviético Bakhtin encontrou oportunidades de dizer o que era interdito na vida, nos discursos do cotidiano. Em seu projeto principiatório, *Para uma filosofia do ato responsável* (2010 [1920]), Bakhtin atesta a imprescindibilidade do diálogo concreto entre a arte e a vida, uma vez que a cisão entre essas duas dimensões conduz ao teoreticismo (o objetivismo abstrato em voga naquele momento histórico, entendido como ‘verdade científica’) ou à tendência do pesquisador a se perder em conteúdos subjetivistas/transcendentalistas. Mais que isso: o teoreticismo representa o avesso da história, o deslocamento da vivência humana cultural para uma existência idealista e a desvalorização do nível ético humano. Concordamos com Zandwais (2009b), ao afirmar que tais questões não podem ser refletidas fora de um contexto histórico específico, uma vez que estão relacionadas a um ‘embate histórico’ instituído entre Stalin e Marr e os integrantes do Círculo de Bakhtin, no entrecruzamento entre a filosofia da *práxis* e questões de linguagem, num materialismo histórico que ultrapassa a dialética hegeliana e a encarna no diálogo.

Pensar a constituição histórica da formação do pensamento bakhtiniano, no diálogo histórico, caracteriza-se como uma reflexão de estado da arte que contribui para a compreensão da proposição dos estudos bakhtinianos e essa é a justificativa deste artigo que, por meio da metodologia dialético-dialógica, que coloca em jogo pensamentos diversos, propõe uma revisão teórica, tanto das proposições bakhtinianas quanto de estudiosos contemporâneos, russos, brasileiros e de outras nacionalidades, voltados às condições de produção que ambientam a filosofia da linguagem bakhtiniana e a relação do Círculo com a arte e a política, a fim de contribuir com os estudos do campo.

A estrutura do artigo está subdividida em três seções: na primeira, realizamos um trajeto histórico das condições de emergência e de produção bakhtiniana em meio ao governo de Stálin; na segunda, averiguamos as incidências de (des)legitimidade de consciências artístico-sociológicas na Rússia, provocadas pelo partido stalinista; e, na terceira, a partir de alguns textos dos pensadores do Círculo de Bakhtin, reenunciamos, analiticamente, fontes concretas em reação ao formalismo russo.

### Condições de emergência: Bakhtin em meio ao governo de Stálin

Ao refletirmos sobre o contexto soviético vivido pelos intelectuais russos (alguns, membros do Círculo de Bakhtin), após a revolução de 1917<sup>4</sup>, acessamos algumas propostas políticas do governo de Lénin, como

[...] a institucionalização de uma política internacionalista, voltada às condições de desalienação e emancipação dos trabalhadores do Leste e do Oeste e a criação de uma classe de Comissariado do Povo (sovietes), encarregada de

<sup>1</sup> O Círculo de Bakhtin, como ficou conhecido, em meio a outros grupos (coletivos orgânicos de intelectuais), após a transferência de Bakhtin para Vitebsk, esteve constituído, além dos estudiosos mencionados, por Yúdina (1899-1970), Pumpianskii (1891-1940), Kagan (1889-1937), Kanaev (1893-1983) e Zoubakin (1894-1937).

<sup>2</sup> Ainda que Medviédev e Volóchinov sejam considerados marxistas de maneira mais consensual e que não haja anuência entre os estudiosos acerca de Bakhtin ser adepto do materialismo histórico-dialético, pois inspirado pelo idealismo neo-kantiano da escola de Marburgo, nós ancoramos a metodologia do Círculo como um todo no paradigma marxista ao considerarmos trechos de suas obras, em que os autores (inclusive Bakhtin) tratam da dialética (criticando a abstração hegeliana em defesa da concretude, típica do materialismo histórico, que a inverte pelo mesmo motivo, ainda que a trate de outra forma, sem abrir mão da dialética como seu método sociológico materialista). Vemos pontos de contato nos estudos bakhtinianos, especialmente quando tratamos da concepção de enunciado, tratada como expressão concreta/material de valores sociais pela linguagem.

<sup>3</sup> Referimo-nos ao governo de Stálin, o qual assumiu poder após a morte de Lénin e cujas propostas demarcaram fortemente o poderio absolutista e ditatorial da Rússia daquele período histórico.

<sup>4</sup> A Revolução Russa de 1917 se subdividiu em dois momentos históricos: a revolução de fevereiro de 1917 (com a queda do czar Nicolau II e o estabelecimento de uma república liberalista) e a revolução de outubro de 1917 (com o domínio do Partido Bolchevique, liderado por Lénin, na implantação do governo socialista soviético).

estabelecer um diálogo contínuo entre as bases infraestruturais e a superestrutura, com o fim de transformar o modo de produção das relações políticas do Estado soviético (Zandwais, 2009a, p. 99).

Além dos aspectos observados, a pesquisadora (Zandwais), que se propôs a analisar as condições de produção de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, também menciona a implantação de projetos de alfabetização de adultos, assim como a busca de criação de universidades e escolas populares<sup>5</sup> como projeto de governo a ser implementado.

Porém não demorou muito para que essas concepções ideológicas (predominantes em poucos anos áureos) fossem impactadas com a morte de Lênin, a partir de 1924, uma vez que o sucessor, Stálin, apresentou-se como o ‘oposto extremo ao leninismo’. Stálin “[...] passa a instaurar uma política reformista e nacionalista, voltada para a construção de uma identidade nacional pautada na unificação dos estados soviéticos e na unidade da língua: ‘o grande russo’” (Zandwais, 2009a, p. 99, grifo nosso), que exclui as variantes existentes como forma de apagar formas de vida e identidades de sujeitos e grupos sociais não aceitos.

Bakhtin, residente em Petrogrado, desloca-se para outras cidades à procura de melhorias, pois “[...] um dos fenômenos mais medonhos desta época era a fome” (Boukharaeva, 1997, p. 15). Nevel e Vitebsk foram pontos de habitação entre 1920 e 1924, uma vez que “[...] eram cidades onde diferentes culturas étnicas e linguísticas e diversos costumes e modos de vida se encontravam e conviviam pacificamente, interagindo e penetrando uma na outra” (Boukharaeva, 1997, p. 16).

Em meio aos seus deslocamentos, aconteceu, em Nevel, o 1º Seminário Kantiano (Círculo de Nevel), cujas principais discussões consistiam nas ideias filosóficas, éticas e idealistas de Hegel (1770-1831) e Kant (1724 – 1804). Clark e Holquist (2008) pontuam que “Bakhtin pôde promover um grupo de estudos sobre a *Crítica da Razão Pura*, de Kant, texto que na época era visto como encarnação central do pensamento ‘idealista’ e, portanto, antimarxista” (Clark & Holquist, 2008, p. 70, grifo dos autores). Embora os encontros em Nevel e Vitebsk tenham viabilizado uma potencialização do “[...] aprendizado intelectual de Bakhtin” (Emerson, 2003, p. 82), “[...] nenhuma das duas cidades provinciais estava em condições de oferecer-lhe posição de grau acadêmico, uma oportunidade de publicar suas obras ou sequer uma boa biblioteca” (Clark & Holquist, 2008, p. 80).

Tempo após ter retornado para Leningrado, em dezembro de 1928, Bakhtin foi preso, sem que haja concordâncias entre os estudiosos sobre o motivo condicionante. Dentre as diversas justificativas, afirmam Brait e Campos que pode ter sido “[...] muito mais por seu vínculo com a tradição ortodoxa – por sua ligação com a Ressurreição, organização religiosa não oficial – que por suas posições políticas” (Brait & Campos, 2009, p. 22). Renfrew, na mesma linha narrativa, registra que Bakhtin “[...] foi preso com suspeita de envolvimento com o grupo religioso Ressurreição, posteriormente descrito pelas autoridades como uma ‘organização contrarrevolucionária secreta da *intelligentsia* de direita’, cuja meta última era a derrubada do poder soviético” (Renfrew, 2017, p. 31, grifo do autor).

Esse grupo do qual Bakhtin fez parte era um “[...] círculo religioso-filosófico, que tentava reunir o cristianismo com o socialismo” (Boukharaeva, 1997, p. 22). Os anos de 1928 e 1929 representaram um período fatal na história soviética, “[...] marcando o fim da luta pelo poder que elevou Joseph Stálin (1878-1953) à posição de autoridade incontestável, renunciando o raio do autoritarismo” (Renfrew, 2017, p. 30). Após ter sido internado devido ao agravamento de sua osteomielite, Bakhtin foi condenado a um exílio que durou cinco anos, inicialmente no campo de Solovetsky e, depois, transferido para o Cazaquistão. Tanto para Bakhtin quanto para seus companheiros, o poder político institucionalizado simbolizou não menos que um período apocalíptico.

O período de fechamento político e de perseguições intelectuais e artísticas fomentou, como resposta, um movimento em sentido contrário, voltado às questões socioculturais, ao estudo das ideologias, ao intercâmbio de linguagens e produções artísticas, que culminou na proposta filosófica materialista histórica bakhtiniana, que pensa a linguagem como ato concreto. Assim, se, por um lado, a Rússia viveu a tentativa de apagamento de consciências em prol da alienação para a dominação, por outro, como forma de resistência, a efervescência dos círculos de estudos, pesquisas e práticas intelectuais e artísticas proliferou, se desenvolveu e atingiu seu ápice.

No caso do Círculo bakhtiniano, a materialização/concretude discursiva/enunciativa como forma de conscientização passa pela língua e pelas linguagens. Ainda que se volte ao romance, a proposta filosófica bakhtiniana é ampla, tanto que há, como têm estudado Paula (2017), Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e), entre outros estudiosos, uma proposta tridimensional constitutiva da

<sup>5</sup> Todo esse projeto envolveu também a atividade de alguns intelectuais bolcheviques, que pretenderam agir pela promoção e transformação das condições culturais e educacionais da vida do proletariado russo.

linguagem<sup>6</sup>, que se encontra no cerne da filosofia bakhtiniana. Desenvolvemos as seções subsequentes para mostrar esse movimento de tentativa de deslegitimação de consciências e uma das respostas de conscientização.

### (Des)legitimidade de consciências artístico-sociológicas na Rússia

Com a ascensão de Stálin, que implantou a centralização do governo em setores econômicos e políticos, seguiu-se a consolidação do ‘socialismo de um só país’, expressão que designou as bases do Estado soviético durante a maior parte de sua ditadura (Deutscher, 2006). Os fatos mais desastrosos em relação à cultura e à educação, assim como aos fundamentos da produção artística, consistiram na reordenação social operacionalizada pelos intervencionistas ligados ao poder estatal. A chamada ‘revolução cultural’ “[...] ‘legitimou o controle estatal sobre todas as áreas da vida cultural soviética’ – inclusive edição, rádio e televisão, ‘educação, literatura e artes’ – levando o relativo pluralismo cultural de meados dos anos 1920 a uma parada abrupta” (Renfrew, 2017, p. 32, grifos nossos).

Tal processo hegemônico se configurou como um martírio aos pensadores, artistas e intelectuais soviéticos, assim como aos operários, que perderam seu direito de agir, falar e se posicionar, o que culminou em um efeito artificial de ‘neutralidade ideológica’. Os imperativos do controle estatal operacionalizaram seus ideais por meio de exclusão, opressão, repressão e extrema pertença nacionalista, como é típico de todo governo extremista absolutista (ditatorial, fascista, nazista etc).

Um sujeito de grande influência que atuou junto a Stálin, um dos “[...] mais célebres e também mentor intelectual” (Zandwais, 2009a, p. 100), foi Nicolai Yakovlevitch Marr (1864-1934), cujos fundamentos ‘educacionais’ estiveram no escopo da linguística formal, do ensino dicionarizado e da perspectiva gramatical das línguas. Além de Marr instituir uma ‘nova doutrina’, cujas obliquidades políticas “[...] consistiam em dar a Stálin os dispositivos para construir o imaginário de uma hiperlíngua – o grande russo” (Zandwais, 2009a, p. 101), trabalhou fortemente para a solidificação do projeto político que visava ‘unificar’ o povo russo-soviético, por meio de uma ideologia vertical, excludente, opressora e desigual, tudo em nome do fortalecimento de uma nação, como é característico de líderes e de governos autoritários.

Marr foi um notável linguista soviético, poliglota, especializado em línguas e civilizações caucasianas. Arqueólogo de formação, desfrutou de um grande prestígio acadêmico no regime soviético, a ponto de liderar uma instituição de pesquisa criada especificamente para ele. Ficou conhecido por desenvolver em seu tempo uma teoria sobre a linguagem (conhecida como *Nova Teoria da Linguagem*), que regu os estudos linguísticos na União Soviética por décadas, quando, em 1950, teve algumas de suas ideias confrontadas no artigo *Marxisme et questions de linguistique* (Stalin, 1979), de Stalin, publicado pela primeira vez no jornal *Pravda*.

Duas grandes ideias sobre a língua caracterizaram o pensamento do autor e foram elas as que também causaram maior rejeição, à época, por certa parcela intelectual russa, no conjunto de seu trabalho: o caráter de classe da língua e a língua como superestrutura. Em se tratando da primeira ideia – a do discurso sobre ‘língua de classe’ – Marr formulou uma tese segundo a qual a gênese da linguagem (monogênese) está estritamente relacionada às relações das atividades produtivas em contexto de classes em uma determinada sociedade, ou seja, a linguagem acompanha *pari passu* as mudanças socioeconômicas ocorridas no grupo social. Nesse processo, segundo Fiorin (1998), “A concepção que subjaz a essa ideia é de que o desenvolvimento das línguas é paralelo às mudanças das formações socioeconômicas. [...] O progresso linguístico seria, então, paralelo ao progresso social” (Fiorin, 1998, p. 67).

Formulada nesses termos, uma brusca mudança de ordem social e econômica nas relações de produção desencadearia, conseqüentemente, uma ampla mudança na língua (situada em um nível superestrutural, como veremos adiante). Daí a ideia de se falar em ‘saltos linguísticos’, em vez de ver aí uma evolução linguística. Um bom resumo dessa proposição pode ser ainda lido nas palavras de Tchougounnikov (2005, p. 1, grifo nosso):

A Linguística marrista considera a gênese da linguagem em função das atividades produtivas e as relaciona diretamente com a evolução da sociedade. Tudo sendo parte das superestruturas e sendo um produto das formações sócio-históricas de classe, a linguagem teria feito verdadeiros ‘saltos revolucionários’ análogos à passagem de uma

<sup>6</sup> A ideia de que há uma “[...] potencial linguagem das linguagens [...]” (Bakhtin, 2006, p. 311), à qual se refere Bakhtin ao tratar da totalidade arquitetônica da linguagem (como tendo, em si, aspectos verbais, vocais/sonoros e visuais, potencialmente sempre e, a depender de algumas configurações enunciativas – como a síncrese típica do audiovisual, por exemplo, concretamente), entendida como uma linguagem prototípica que se expressa internamente, pela consciência cognoscível do sujeito e, em situações específicas, e a depender da configuração genérica, externamente, constitui a proposição bakhtiniana de linguagem do Círculo – e não só dele, mas da mentalidade russa da época, em que, como resistência ao totalitarismo stalinista, intelectuais, cientistas e artistas utilizaram a síncrese de manifestações linguageiras para pensar a heterogeneidade e a plurissignificação, em oposição a uma ‘língua única’ determinada pelo governo. O ato de linguagem, com todas as suas diretrizes e manifestações, é considerado na proposição bakhtiniana de estudos. Daí, o trânsito entre áreas (música, física, biologia, teatro, literatura, filosofia, entre outras) para a composição da proposta.

formação sócio-econômica para outra, sob a pressão de forças produtivas que remetem, em seu progresso, ao quadro de uma forma de produção antiga.

Essa visão foi amplamente refutada pela episteme da época, inclusive o artigo de Stalin, por entender que a língua é um sistema de comunicação que está a serviço de qualquer classe social, e, como sistema, é indiferente às classes. Um dos equívocos dessa visão, segundo Fiorin (1998), reside no fato de que não é possível sustentar a tese da monogênese da linguagem porque, para isso, seria necessário partir do pressuposto de que, nas sociedades primitivas, houve a luta de classes, o que, de acordo com os marxistas clássicos, não teria sentido, uma vez que essas sociedades não estavam organizadas em classes (muito menos que uma delas dominaria outra por meio da linguagem, conforme queria Marr). Inclusive, ainda em relação a essa refutação, Stalin diz que não há línguas de classe, mas línguas nacionais comuns a todo um povo, caso contrário, segundo ele, haveria uma gramática burguesa e uma gramática do proletariado<sup>7</sup>, o que não existe.

Outro ponto alto da reflexão de Marr é o que situa a linguagem, numa pretensa utilização dos pressupostos marxistas<sup>8</sup>, no campo da superestrutura, uma vez que tinha “[...] o objetivo de elaborar uma teoria capaz de inscrever o componente lingüístico na superestrutura, e, portanto, conferir à língua um estatuto hegemônico” (Zandwais, 2009b, p. 3).

Essa ideia rendeu a Marr uma crítica severa de estudiosos russos, pois daí se depreende que ele estaria muito mais engajado numa concepção mecanicista da relação entre a infra e a superestrutura, concebendo a linguagem muito mais do ponto de vista de seus determinantes fisiológicos do que propriamente de suas determinações histórico-sociais e, portanto, destoante dos pressupostos marxistas. Nesse sentido, esse projeto estaria muito mais alinhado a uma visão mais representativa dos valores do Estado do que propriamente com a agenda do proletariado pensada no contexto da Revolução de 1917, afinal, “Tratava-se, deste modo, de uma política falaciosa, populista, voltada aos interesses da ‘unificação’ do Estado para os fins específicos de administração das diferenças, de dominação, de ‘naturalização’ de práticas e de redução do heterogêneo ao homogêneo entre o povo russo-soviético”. (Zandwais, 2009b, p.5).

Apesar dos muitos equívocos apontados pela crítica, a linguística marrista teve como mérito certa preocupação com a relação entre linguagem e sociedade. O problema ou a grande limitação da teoria foi tentar examinar essa relação considerando apenas o aspecto sistêmico da língua, e não a língua em situação de uso, ou seja, o discurso.

Na tentativa de deslegitimar as incursões artísticas e filosóficas da sociedade russa, Marr utilizou o poder político para mascarar os efeitos de homogeneização idealizada por Stálin e aplicada por ele. Ao fomentar operações discursivas, tentou sobrepor a linguística a outras áreas/disciplinas, como se, a partir dessa, surgissem sustentáculos a outros campos. Zandwais explica que, segundo Abaev<sup>9</sup> (1948),

[...] dentre as dificuldades que a nova teoria apresentava, uma das mais expressivas consistia em confundir estruturas linguísticas com processos de significação, tentando comprimir os últimos nas primeiras, a fim de dar sustentação ao princípio da homogeneidade da língua, o que despertaria a atenção não somente do *jazykfront*, mas também dos membros do Círculo de Bakhtin (Zandwais, 2009a, p. 102, grifo nosso).

O que Marr não imaginou foi que, apesar de alguns membros do Círculo de Bakhtin simpatizarem com pesquisas histórico-comparatistas desenvolvidas, posicionavam-se ideologicamente contra os fundamentos da ‘nova doutrina’ e em desfavor às bases que sustentariam seus ideais de identidade de nação (coro stalinista). Medviédev e outros membros do Círculo bakhtiniano respondem a esse projeto opressor<sup>10</sup>, especialmente ao que se refere aos ideais formalistas, os quais se difundiam, com mobilidade e força, por estarem na ‘ordem do discurso’ do governo stalinista.

Não foi nada fácil para Bakhtin, Volóchinov e Medviédev falar em legitimidade de uma perspectiva dialógica tridimensional de linguagem com esse projeto homogeneizador stalinista em voga, como plano político constitutivo de uma prática opressora e repressora, pois o sistema atuou em desfavor a movimentos

<sup>7</sup> Esse pensamento se refere a língua em sua dimensão estrutural, sistêmica, e não na esfera de seu uso em contextos de interação social.

<sup>8</sup> Há controvérsias a esse respeito. Zandwais (2009b) aponta para o fato de que tanto Marr quanto Stalin conquistaram tanto admiradores quanto críticos. Marr, apesar do grande prestígio entre importantes e renomados linguistas daquele tempo, como Baudoin de Courtenay, foi fortemente criticado pelo *Jazykfront* (grupo de jovens soviéticos que discutiam, ao modo dos estudiosos do Círculo de Bakhtin, as relações entre linguística e marxismo), “[...] em virtude desta Associação não ter reconhecido na ‘Nova Teoria’ de Marr uma relação entre princípios filosóficos marxistas e lingüísticos, acusando-a, portanto, de ser mecanicista [...] enfim, de simular uma concepção marxista de linguagem” (Zandwais, 2009b, p. 3).

<sup>9</sup> Linguista soviético que estudou filologia iraniana, sob a direção de Friedman e, como muitos outros jovens linguistas, foi influenciado por Marr, unindo-se ao seu Instituto Yaphetic. Após a morte de Marr, Abaev teve considerações sobre seu trajeto político-lingüístico.

<sup>10</sup> No que concerne à linguagem poética, por exemplo, cuja metodologia de análise sociológica por parte dos formalistas era bastante escassa, o teórico literário afirma que “[...] encontra-se o fundamento no qual se sustenta todo o método formal” (Medviédev, 2016 [1928], p. 137). Em meio a inquietações por parte do pensador soviético sobre a arquitetônica composicional da linguagem poética, assim como seus aparatos técnico-metodológicos, “[...] surge a questão da legitimidade e da aceitabilidade da própria tarefa: definir a linguagem poética e suas leis” (Medviédev, 2016 [1928], p. 137).

artísticos de todo tipo. Sériot (1999) registra que, devido ao momento histórico de ascensão do poder stalinista (o qual coincide com o vigor dos regimes fascista e nazista), foi necessário que os pesquisadores não apenas eufemizassem suas asserções de fundamentos artísticos, mas também que, em seus discursos, erradicassem os debates sobre etnia, identidade e cultura. Nesse sentido, o estado se fez presente como ditatorial por meio de uma política linguística estrutural que esvaziava a prática social como elemento da língua e da linguagem, para, com isso, esvaziar consciências, oposto ao que preconizam os estudos bakhtinianos e de outros intelectuais e artistas, perseguidos exatamente por preconizarem a potência da língua e da linguagem como elemento plural trans-formador.

Como afirmaram Paula e Luciano,

Para controlar a estruturação da linguagem e da cultura soviética em nascimento, foi criado, em 1922, um órgão de censura, GLAVLIT (Direção-Geral de Assuntos Literários e Editoriais), que controlava a importação de literatura estrangeira, bem como a exportação da própria literatura soviética. Ademais, também havia o controle de informações exterior do governo que, quando necessário, mutilava ou proibia as publicações de artigos e de obras, as quais estivessem em divergência com os princípios soviéticos.

Esse processo afetou, direta e particularmente, as ciências humanas, pois a linguagem das humanidades, nesta época, foi destruída (como dito, lexemas foram proibidos, assuntos restringidos, e, dessa forma, já não havia vocabulário para a produção científica). Nesse contexto, com o controle de obras, em especial, do Ocidente, a ciência soviética passou a ser fechada e isolada do restante do mundo. (Paula e Luciano, 2020b, p. 4-5).

A tentativa de homogeneização política sob vieses exclusivamente linguísticos soou, para Bakhtin, Volóchinov, Medviédev e os demais integrantes do Círculo, assim como para outros intelectuais, filósofos e artistas soviéticos, como uma tentativa fracassada, pois a política, a arte, a filosofia, a ciência e a literatura são domínios constituídos por forças orgânicas (centrípetas e centrífugas) que se refletem e refratam na linguagem que produzimos, como ato, na prática social. Para o Círculo, não há como pensar em uma linguística imanente que se desvincule das percepções ideológicas e histórico-político-sócio-culturais, muito menos a possibilidade de total apagamento de consciências, como processo de alienação, uma vez que a linguagem é heteroglótica, ou seja, é permeada por variações dialetológicas, as quais, por sua vez, situam-se em todas as esferas do saber humano, também de forma plurissignificativa e heterogênea, dado que as vozes sociais se expressam, em pleno embate, interno e externo.

Assinala Seriót (1999), em *Anamnésia da língua russa e a busca da identidade na Rússia*, que, no período pós-revolução bolchevique, foi produzido “[...] um fenômeno massivo de esquecimento do passado, de apagamento da memória do povo, o qual se reflete, no campo político, por meio de práticas de apagamento de nomes de ruas e praças de Moscou [...]” (Zandwais, 2009a, p. 105), no intuito de extermínio de quaisquer rastros de arte, cultura e saber identitário. O autor afirma que

Há uma forte ligação entre a recusa da memória e a dissolução das fronteiras da identidade coletiva. Aqui surge um dos pontos essenciais para compreender a especificidade do tema da recusa da memória no discurso bolchevique do início dos anos 20, que se caracteriza pela instauração voluntária e sistemática de uma descontinuidade, em que o passado é assimilado ao obsoleto e ao inútil, e o passado nacional a qualquer coisa de negativo. É a época na qual a escola histórica de M.N. Pokrovskij considera a Rússia czarista como a ‘prisão dos povos’. É preciso dizer ainda que essa ruptura com o passado no novo discurso dominante foi amplamente aceita por numerosas correntes artísticas, literárias e intelectuais (Sériot, 1999, p. 25).

Temas como o apagamento de consciências, práticas homogeneizantes para produção do esquecimento artístico, objetificação sistemática do povo e dominação em massa constituem a tentativa desesperada e opressora de Stálin (junto a seus oficiais) de deslegitimar consciências artístico-sociológicas na Rússia (como mecanismos similares ao que ocorreu na Itália fascista e na Alemanha nazista). Nesse contexto ocorre o empreendimento de pensadores que reivindicam para si um aglomerado de formulações teóricas que tiveram – e têm até hoje – implicações singulares e provocadoras.

Como afirmam Paula e Luciano (2020b), uma interpenetração das artes, articuladas à ciência e à técnica como uma só unidade, apareceu como um projeto oposto ao do Estado soviético, em resposta a ele, com o intuito de, no cotidiano, despertar consciências (Schneiderman, 2010). Nesse esteio, surgiram procedimentos experimentais de linguagem, que levaram a uma virada em todas as formas de expressão artística no contexto russo (calcada nos movimentos simbolista e cubofuturista). À guisa de ilustração, Schneiderman, na Introdução do livro *Semiótica russa*, cita:

A atuação do poeta [Maiakóvski] no cinema, como ator, cenarista e diretor, sua participação nos trabalhos de encenação de Meyerhold e como ator no ‘Mistério-Bufo’, foram outras manifestações dessa tendência. Podem-se citar curtos trabalhos desse período que a documentam: os desenhos da série ‘Prun’ de Lissítzki, que pretendiam lançar ponte entre a pintura e a arquitetura; a integração da palavra e da imagem em outros trabalhos do Mesmo artista; a evolução de Tátlin da pintura para os relevos; a arquitetura e o desenho de roupas, estufas e samovares, de acordo com as necessidades do dia; as fotomontagens de Ródtchenko, em colaboração com Maiakóvski e o cineasta Dziga-Viertov; a atuação dos críticos Víctor Chklóvski e Óssip Brik como roteiristas; a evolução de Eisenstein do teatro para o cinema e seu interesse pela sinestesia (Schneiderman, 2010, p. 58)

Paula e Luciano também destacam:

Acrescentamos a esses trabalhos os do poeta simbolista Andréi Biéli em relação ao problema do signo; as experiências teatrais de Taírov e Vakhtangov a respeito do teatro como uma totalidade dos elementos verbais, visuais e sonoros; os poemas simbolistas, de Viacheslav Ivanovich Ivanov; a teoria da entonação de Boris Asafiev; [...]. Além, é claro, dos diversos estudos [...] de Iuri Lotman (semiótica da cultura) e teóricos já consagrados, como Aleksandr Potebniá (sobre a noção de signo). [...] os projetos artísticos e teóricos do Simbolismo e do Futurismo, na figura de Khlébnikov e Maiakóvski, [...] considerados o eixo central de toda a poesia moderna russa, o primeiro por desbravar novos caminhos na e pela linguagem e o segundo por consolidar esse novo percurso (Paula & Luciano, 2020b, p. 5-6).

O Círculo bakhtiniano encontra-se imbuído desse espírito, imerso na vida (política) russa e em suas produções sócio-artístico-culturais, o que fica demonstrado em seus estudos, em que concebe a arte e a vida como inseparáveis e indissociáveis (Volóchinov, 2013, 2017, 2019; Medviédev, 2016; Bakhtin, 2008, 2010, 2016, 2017, 2018, 2019), em contraposição a projetos autoritários de homogeneização de sujeitos, discursos e obras que não ‘imitam’ ou captam a vida diretamente, mas a refletem e refratam, com determinado acabamento, pois parte de e se voltam à vida de maneira pulsante, singular, em cada ser humano.

Por uma questão de delimitação, dado o espaço de discussão de que dispomos neste texto, partimos, em seguida, à reflexão sobre alguns estudos acerca da era formalista, sobretudo diante do formalismo russo, cuja busca da ‘ciência literária’ tentou apagar a vida concreta que se enovela à arte, daí a crítica de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov a essa abordagem que esteriliza a língua, a linguagem, a arte e a mata ao apartá-la da vida.

### O Círculo de Bakhtin e o formalismo russo

No manuscrito intitulado *A ciência das ideologias e suas tarefas imediatas*, Medviédev (2016c [1928]) tece, inicialmente, um elogio aos estudos formalistas devido ao fato de haverem trabalhado a partir da circunscrição dos problemas essenciais dos estudos literários. No entanto, elogios iniciais cedem espaço a severas críticas pelo fato de os formalistas isolarem a literatura das outras formas de manifestação artística, da teoria estética e da filosofia, pois, segundo o autor, a ciência literária não pode se estabelecer sem que seja percebida como uma instância na qual se produzem e circulam ideologias.

Para Medviédev (2016 [1928]), não se relega a arte ao domínio da superestrutura porque a literatura reflete e refrata discursos de outras esferas ideológicas e incide sobre elas. Destaca que o fenômeno literário é determinado simultaneamente, de fora e de dentro, intrínseca e extrinsecamente. A questão é que os formalistas se centraram na linguagem puramente objetivista e desconsideraram as esferas da vida social. Sobre a relação entre interior e exterior, não se trata de dicotomizar os termos, porque nesse viés de considerações, Medviédev (2016 [1928]) afirma haver um jogo incessante, no qual exterior se interioriza e vice-versa. A esse respeito, Stam (1992) também postula que

É ingênuo [...] pensar que textos artísticos arrancados à unidade de seu mundo ideológico sejam, em seu isolamento, diretamente determinados por fatores econômicos. As rimas e estrofes de um poema [...] não estão reunidas devido a uma causalidade econômica. É exatamente devido ao fato de a literatura não ser um mero reflexo que ela é capaz de antecipar desdobramentos em outras áreas (Stam, 1992, p. 23).

Na ótica de Stam, não há justificativa plausível para distanciar a literatura de seus domínios ideológicos, pois até mesmo sob horizonte estrutural, o campo literário traz em si atravessamentos de outras esferas. Na égide de discussões sobre o formalismo, o estudo de Pomorska (1972) pontua níveis de academicismo em linguagem e exemplifica com Trotski, um escritor formalista ‘menos acadêmico’.

Nesse contexto, a obra de Chklovski<sup>11</sup>, considerada marco inicial do formalismo russo, não passou despercebida por Medviédev (2016 [1928]), pois pontua que pequenas observações na brochura de Chklovski

<sup>11</sup> No capítulo intitulado *O método formal na Rússia (in O método formal nos estudos literários)*, Medviédev (2016a [1928]) recorre a um artigo de Chklóvski *Zaúmnny iazyk i poéssia* (A linguagem transmental e a poesia) e afirma que nesse manuscrito formalista “[...] é comprovada a possibilidade de deleite hedonista das palavras transmentais. Aqui, a coisificação é alcançada, de forma hedonista, ao se privar do sentido da palavra, que é tratada como objeto de consumo” (Medviédev, 2016 [1928], p. 115).

dão a impressão de que ela é o *specificum* de um manifesto de escola literária e não o começo de um novo movimento nos estudos literários. Para Medviédev, o primeiro período do formalismo russo esteve ligado aos interesses sectários do futurismo, a partir de predisposições para a escolha de apenas alguns fenômenos da vida literária (Medviédev, 2016 [1928]). Assim, ao propor métodos de observação e análises de obras literárias, “[o] que faz Chklóvski? Ele deturpa completamente o sentido do procedimento ao interpretá-lo como um desvio do significado ideológico e semântico” (Medviédev, 2016 [1928], p. 112).

Tais críticas aos formalistas acentuam o fato de que eles não se preocupavam com o conteúdo da obra estudada, mas somente com os meios técnicos, de tal forma que, para Chklovski, a arte literária era considerada um somatório de artifícios artísticos: a técnica como engendramento em prol da composição formal e o conteúdo temático ‘em detrimento’ da forma na construção da unidade arquitetônica da obra.

Se, por um lado, o experimentalismo das vanguardas pode ser compreendido como afastamento do uso ‘comum’ da linguagem e, como criticam Medviédev (2016) e Volóchinov (2017), de certa forma, esse movimento pode ser compreendido como esvaziamento de sentidos, dado o afastamento do solo social, por outro, esse mesmo experimentalismo pode ser entendido como um projeto inspirador das noções de acabamento estético, que relaciona, de maneira refletida e refratada (às vezes, por dupla refração, como salienta Medviédev, 2016), os gêneros (primários e secundários)<sup>12</sup>, bem como retroalimenta arte e vida, sem dissociá-las, como formulam Volóchinov (s/d) e Bakhtin (2016).

O que recebeu o nome de revolução poética (iniciada por Khlébnikov e desenvolvida por Maiakóvski, segundo Schnaiderman, 1971) caracterizou um movimento de renovação artística amplo. Conforme Paula e Luciano (2020b, p. 8-9),

A linguagem cotidiana era o ponto chave [...]. Nos textos ‘*Cartas sobre o futurismo*’ e ‘*Nosso trabalho vocabular*’, de 1922 e 1923, respectivamente, observamos a busca dos poetas em diluir essa barreira entre a função comunicativa da linguagem, a função da poesia e da prosa. Não há mais distinção de temas, imagens e objetivos entres esses discursos. [...] A arte, nas palavras de Maiakóvski (1971ab [1924], p. 114), devia ‘ligar-se estreitamente com a vida (como função intensiva desta). Fundir-se com ela ou perecer’ (Paula & Luciano, 2020b, p. 8-9).

No texto *Discurso na vida, discurso na arte*, Volóchinov (s/d) complementa essa formulação ao afirmar que a arte (gênero secundário) nasce da vida e retorna a ela de outra forma (com acabamento estético e de forma ética, como ato de linguagem, ativo, como uma das práticas sociais), no processo de renovação dos gêneros e dos sentidos, de maneira dialógica (sem o que, o enunciado se encerra em si mesmo, refém do abstracionismo objetivo e, no extremo oposto, do idealismo subjetivista individual).

Como resposta ao sistema opressor vigente, os próprios formalistas (em especial, Arvatov e Maiakóvski) tentam construir uma ponte entre o método formal e o sociológico (marxista), uma espécie de método formalista-sociológico. O Círculo bakhtiniano, ao se distanciar dos métodos marxista e formalista, propõe um terceiro: o dialógico, calcado na interação dos aspectos formais e do conteúdo ideológico que, com o estilo (genérico e autoral), constituem os enunciados e os gêneros.

No Ocidente, os estudos sobre o formalismo russo tiveram ênfase a partir da antologia publicada por Todorov, na França, em 1965, que circulou com maior abrangência que outra obra, anterior<sup>13</sup>. A amplitude de alcance da obra de Todorov pode ser justificada devido ao fato de que Erlich, autor da obra *Russian Formalism: history, doctrine* (1981), que o influenciou, teve seus escritos restritos à circunscrição acadêmica dos estudos eslavos, enquanto o texto de Todorov<sup>14</sup> circulou amplamente, a ponto de, na década de 1970, cruzar fronteiras para a América do Norte.

Todorov, filiado ao estruturalismo francês, busca uma taxonomia acerca da especificidade do fenômeno literário. A antologia introdutória, naquele contexto, pôde ser vista como uma tentativa de dar credibilidade à corrente à qual pertencia Todorov, ao fornecer um antecedente histórico no caso em que uma tradução e interpretação serviram para reforçar uma agenda do presente, do qual o teórico búlgaro era contemporâneo. Isso caracteriza algo que Medviédev (2016 [1928]) intitulou como a presença do psicologismo primitivista nos conceitos formalistas por causa da ênfase no binarismo automatização/perceptibilidade.

<sup>12</sup> Essa distinção, sempre em relação, em jogo vivo, pode ser destacada no texto *Os gêneros do discurso*, em que Bakhtin explica que “[...] é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata” (Bakhtin, 2016, p. 263).

<sup>13</sup> A obra mencionada é uma antologia publicada dez anos antes, intitulada *Russian Formalism: history, doctrine*, de 1955, cujo autor é Victor Erlich.

<sup>14</sup> A edição brasileira, intitulada *Teoria da literatura: formalistas russos*, sofreu alterações: o prefácio de Jakobson e a apresentação de Todorov foram eliminados, substituídos por um prefácio de Boris Schnaiderman e um texto de Dionísio de Oliveira Toledo.

Medviédev alerta acerca do que considera reducionismo do fundamento que circunda as bases do formalismo russo: a operacionalidade, relegada ao âmbito de cada sujeito, em contato com o texto lido. Isso dificulta a produção de observações objetivas acerca de uma obra literária, se considerado como fundante apenas o relato de cada sujeito e cada experiência estética sobre a obra.

Para o Círculo de Bakhtin, a vida concreta é vista como indissociável da literatura, uma vez que os sujeitos se relacionam com o mundo por meio da linguagem, no caso, com um acabamento estético específico que reflete e refrata axiologias, sempre na relação com o outro (sujeito e enunciado, ambos, sociais). A palavra (no sentido alargado, entendido como linguagem por Volóchinov, 2013) só se torna plena em ação, nas instâncias socioculturais, em relação responsiva e responsável com outras palavras, por discursos outros em meio a valorações diversas. As críticas do Círculo que se voltam ao formalismo russo centram-se na distância entre as linguagens da arte e a ordinária porque os estudiosos compreendem que, mais que afastamento entre a arte e a vida, a estética e o cotidiano, o formalismo esvazia a linguagem de sentido, uma vez que aparta a elaboração estética da ética da vida, inseparáveis, já que é fundada no solo social e reflete lugares antagônicos e contradições constitutivas da humanidade. Para o Círculo, em especial, para Bakhtin, o romance seria o lugar do 'ser inacabado', num limiar de nuances sem fim.

Como a busca dos formalistas se centrou numa 'ciência literária', eles se esforçaram para separar o que consideravam literário do que não entendiam como tal. Bakhtin critica avidamente o risco do conteudismo e do formalismo. A crítica formalista parte do pressuposto de que é necessário apreender os artifícios do texto sem deixar de lado a distinção hierarquizadora entre a linguagem formal e a ordinária. Bakhtin afirma que:

Nenhum valor cultural, nenhum ponto de vista criador pode e deve permanecer no nível da simples manifestação, do fato puro de ordem psicológica e histórica; somente uma definição sistemática na unidade semântica da cultura superará o caráter factual do valor cultural. A autonomia da arte é baseada e garantida pela sua participação na unidade da cultura tanto que a definição sistemática ocupa aqui um lugar não só singular, mas também indispensável e insubstituível (Bakhtin, 2010 [1924], p. 16).

Em outras palavras: o Círculo bakhtiniano não admite que o objeto estético (literário) seja deslocado da realidade sócio-histórico-cultural de seu entorno, o que impossibilita que seja tomado isoladamente. Bakhtin acentua que o sujeito, a axiologia e a historicidade não podem ser excluídos da linguagem, assim como a linguagem literária não pode ser reduzida ao estudo da forma poética nem se ater a uma visão automática do objeto literário (Medviédev, 2016 [1928]) porque é necessário o desprendimento da técnica para se chegar a visões de mundo possíveis, sem que o leitor se exclua do texto. O leitor deve se perceber como alguém que participa ativa e responsabilmente da leitura.

O que o Círculo de Bakhtin fez foi reforçar que a obra de arte (particularmente a obra literária) não pode ser pensada como algo apartado da vida, estruturalmente regida por leis que excluem o exterior que também lhe é constitutivo. A criação literária não pode dissociar arte e vida, pois é desafiadora e potencializadora de ampliação da(s) vida(s) dos leitores. Trata-se de não promover o reducionismo da abstração formal e nem focar apenas na vida da humanidade. A necessidade é a de não perdermos de vista nenhuma das pontas dessa passagem. O diálogo é o cerne da questão e, por isso, o centro da proposta tridimensional de linguagem dos estudos bakhtinianos.

### Considerações finais

Tendo como foco o objetivo deste artigo (explicitado na introdução), discutido a partir da revisão teórica e histórica realizada por nós no percurso do texto, confirmamos nossa hipótese, incutida na premissa da qual partimos neste artigo - a de que as esferas da arte e da política, em embate, iconizaram, na Rússia dos anos 1920-1930, valores opostos que, em convívio, legitimaram e deslegitimaram visões de mundo, ao tentarem invisibilizar ou ressaltar consciências estético-sociológicas por meio de concepções de língua(gem) distintas, que (des)consideravam as vozes sociais constitutivas da linguagem, tendo como foco objetivos diferentes: o estado, com o uso de suas forças centrípetas superestruturais, tentou incutir a noção de 'língua única' aos russos, enquanto alguns grupos de artistas, intelectuais e cientistas propuseram uma concepção de linguagem tridimensional e plurissignificativa, que flagrava a riqueza da heterogeneidade discursiva e as divergências sociais, políticas, culturais, econômicas e ideológicas, como foi o caso de Bakhtin e do Círculo, em contato com outros grupos.

Essas maneiras de conceber a língua e a linguagem revelam visões de mundo e atos (tanto de linguagem quanto sociais - pois, como sabemos, eles não se dissociam). Seja de uma seja de outra forma, a língua e a

linguagem foram usadas como instrumentos de poder: por Stalin, para deslegitimar consciências, esvaziar sentidos e anular mentalidades, sob o pretexto da ‘neutralidade’ e da ‘imparcialidade’ inexistentes, que considera apenas um registro como ‘verdadeiro’ e admissível, transformado em oficial; pelos artistas e intelectuais engajados, não formalistas, para legitimar a heterogeneidade, a variação e o desenvolvimento da consciência de classe, tendo em vista a relação intrínseca entre língua(gem) e sociedade, uma vez que o signo é ideológico, tendo como base as interações cotidianas e não-oficiais.

Considerar um texto como não sendo independente ou uma unidade autônoma é uma tarefa que contradiz muitos estudos que se pautaram na busca da legitimação da forma. O objeto estético (literário) não se exclui de tais considerações. Diante disso, situamos nossas reflexões na premissa de que todo discurso está ligado a outros (Bakhtin, 2006 [1979]). Desse ponto de vista, não apenas o enunciado, mas as formas de interpretação também passam a ser consideradas dialógicas (Brait, 2012). Por isso, a discussão acerca de análises restritas a elementos formais não está fechada apenas ao âmbito de uma ciência literária, pois aberta às exclusões sócio-político-culturais existentes.

Não corroboramos, tal como o Círculo de Bakhtin, com a concepção hierarquizadora que dicotomiza a palavra literária e o mundo concreto, tampouco partimos da exclusão do exterior constituinte da obra literária (situando exterior e interior em um jogo sem fim de relações extrínsecas e intrínsecas).

Reconhecemos o contexto stalinista autoritário/totalitário no qual o Círculo viveu para refletirmos sobre as questões propostas em seus estudos constitui parte de um percurso situacional essencial aos leitores e estudiosos para adentrarem no universo bakhtiniano (produção, recepção e circularidade de seus escritos), com o cuidado da historicidade tão defendida pelo Círculo, evitando olhares anacrônicos apartados do real. Afinal, essa foi a crítica ferrenha feita por Bakhtin e o Círculo ao formalismo.

Além disso, tomar consciência dessa (des)legitimação de consciências é um ato que não se restringe apenas ao contexto da Rússia stalinista, mas, a partir dessa historicização dialógica, em que pensamos no embate de forças, compreendemos, no grande tempo da cultura, o quanto a língua e a linguagem foram e são usadas como forma de controle e/ou emancipação. Essa estratégia não é nova nem pontual. Por exemplo:

. na Roma antiga, ao conquistarem um território, os romanos impunham o latim como língua oficial daquela nação;

. o Brasil, entre outros países que, com processo semelhante ao usado por Stálin, na ditadura militar, esvaziou currículos escolares e retirou do ensino-aprendizagem disciplinas elementares das Humanidades (como filosofia, por exemplo), assim como transformou outras à adequação estrutural, esvaziada de sentido (caso da História, transformada em OSPB – Organização Social e Política do Brasil; e da Língua Portuguesa, que passou a se chamar Comunicação e Expressão, voltada aos níveis de análise estrutural da língua, com especial atenção à fonologia, à morfologia e à sintaxe normativa) e ainda incluiu disciplinas de cunho político (caso da Educação Moral e Cívica, por exemplo) para esvaziamento e manipulação de consciências (mesmo intuito de Stálin, entre outros líderes de regimes totalitários existentes – Mussolini e Hitler são dois grandes exemplos). De maneira semelhante, também foi no âmbito das artes, da pesquisa e da intelectualidade que a resistência encontrou abrigo e expressão;

. o governo japonês, em 2015, instigou a diminuição e até mesmo a erradicação de cursos nas áreas de Humanidades para cortar verbas, dada a crise pela qual passava o país, privilegiando a formação profissionalizante e as áreas de biológicas e exatas. Tendo sido muito criticado (inclusive por seus apoiadores e por setores da economia) e, passados 5 anos, em 2020, esse mesmo governo voltou a estimular estudos e cursos na área de Humanas, uma vez que a crise piorou com a formação técnica promovida pelo estado;

. hoje em dia, o inglês tem sido, cada vez mais, usado como ‘língua universal’ de internacionalização, dado o domínio econômico e o poder político, principalmente, dos Estados Unidos, em derrocada de idiomas até mais falados no mundo (como o mandarim e o espanhol, por exemplo) e mesmo de países com menor influência sociocultural no mundo (como os africanos e os latinos, entre outros). Não coincidentemente, países excluídos de certas discussões e esferas devido à ‘dificuldade’ (ou indisponibilidade) de interação, têm, na cultura, um ponto forte de expressão de resistência; ou ainda

. a viralização de *fake news*, elaboradas pela linguagem, com intuito de ‘converter’ mentalidades (tanto para direcionar compras – objetivo econômico; quanto para manipular consciências, mediando posturas políticas, sociais e culturais), por um lado; e, por outro, o estímulo à consciência crítica para detectar e interpretar essas mesmas *fake news*, num embate constante e vivo.

Os exemplos citados demonstram que os contextos são díspares, mas a disputa de poder, ainda que com instrumentos variados (mais ou menos tecnológicos, artísticos ou ‘técnicos’, por exemplo), persiste e a

lingua(gem) é o elemento que concretiza esse embate, interna e externamente. Assim, a revisão teórica e histórica aqui realizada nos faz pensar sobre os processos linguístico-discursivos, estéticos e político-sociais de maneira integrada e dialógica, como propôs o Círculo, como resistência centrífuga e infraestrutural à hegemonia estatal.

Por isso, mais do que estabelecer associações ou formas de apreciação, colocamos em discursivização enunciados distintos que partem de uma posição genuína de ancoragem. Nossa pretensão com este manuscrito foi e é a de que ele faça refletir sobre o processo de (des)legitimidade de consciências (artísticas e políticas), para colaborar com o pensamento voltado à especificidade do estudo do objeto estético como algo que, ao invés de excluir a vida concreta, a ela se integra política, social e culturalmente. A língua(gem) em prol da humanização amorosa, interacional e não da robotização técnica viral.

## Referências

- Bakhtin, M. (2006 [1979]). O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In M. Bakhtin (Ed.), *Estética da Criação Verbal* (5a ed., p. 307-335, P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2010 [1920]). *Para uma filosofia do ato responsável* (5a ed., V. Miotello & C. A. Faraco, Trad.). São Carlos, SP: Pedro e João.
- Bakhtin, M. (2010 [1930-1934]). O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. (1923-1924). In M. Bakhtin (Ed.), *Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance*. (6a ed., p. 13-57, A. F. Bernardini, J. Pereira Júnior, A. Góes Júnior, H. S. Nazário & H. F. d. Andrade, Trads.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2013a [1929]). O discurso em Dostoiévski. In M. Bakhtin (Ed.), *Problemas da Poética de Dostoiévski* (p. 207-310, P. Bezerra, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense.
- Bakhtin, M. (2016). *Os gêneros do discurso* (Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra). Rio de Janeiro, RJ: 34.
- Bakhtin, M. (2017). *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra). Rio de Janeiro, RJ: 34.
- Bakhtin, M. (2018). *Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo* (Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra). Rio de Janeiro, RJ: 34.
- Bakhtin, M. (2019). *Teoria do Romance III: o romance como gênero literário* (Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra). Rio de Janeiro, RJ: 34.
- Boukharaeva, L. (1997). *Começando o diálogo com Mikhail Mikhailovitch Bakhtin*. Ijuí, RS: Unijuí.
- Brait, B. & Campos, M. (2009). Da Rússia czarista à web. In B. Brait (Org.), *Bakhtin e o Círculo* (p. 15-30). São Paulo, SP: Contexto.
- Brait, B. (2012). Perspectiva dialógica. In B. Brait & M. C. Souza e Silva (Orgs.), *Texto ou discurso?* (p. 9-30). São Paulo, SP: Contexto.
- Clark, K. & Holquist, M. (2008). *Mikhail Bakhtin* (J. Guinsburg, Trad.). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Deutscher, I. (2006). A grande virada. In I. Deutscher (Ed.), *Stalin: Uma Biografia Política* (p. 317-366, L. S. Henriques, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Emerson, C. (2003). *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin* (P. Jorgensen Jr., Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Difel.
- Erlich, V. (1981). *Russian Formalism: history, doctrine* (3rd ed.). New Haven; London: Yale University Press.
- Fiorin, J. L. (1998). *Linguagem e ideologia*. São Paulo, SP: Ática.
- Fitzpatrick, S. (2017). *A revolução russa* (4a ed., J. G. Couto, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Todavia.
- Maiakóvski, V. (1971a). Cartas sobre o futurismo (1922). In B. Schnaiderman (Ed.), *A poética de Maiakóvski* (p. 163-165). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Maiakóvski, V. (1971b). Nosso trabalho vocabular (1923). In B. Schnaiderman (Ed.), *A poética de Maiakóvski* (p. 221-223). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Medviédev, P. (2016b [1928]). A linguagem poética como objeto da poética. In P. Medviédev (Ed.), *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (p. 131-163, S. C. Grillo & E. V. Américo, Trad.). São Paulo, SP: Contexto.

- Medviédev, P. (2016c [1928]). A ciência das ideologias e suas tarefas imediatas. In P. Medviédev (Eds.), *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (p. 103-127, S. C. Grillo & E. V. Américo, Trad.). São Paulo, SP: Contexto.
- Medviédev, P. N. (2016a [1928]). O método formal na Rússia. In P. Medviédev (Ed.), *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (p. 103-127, S. C. Grillo & E. V. Américo, Trad.). São Paulo, SP: Contexto.
- Paula, L. d. (2017). O enunciado verbivocovisual de animação: a valoração do "Amor Verdadeiro" Disney - uma análise de Frozen. In A. Fernandes Jr, & G. B. Stafuzza (Orgs.), *Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo* (p. 287-314). Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Paula, L. d., & Luciano, J. A. R. (2020a). A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Revista Estudos Linguísticos*, 49(2), 706-722. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2691>
- Paula, L. d., & Luciano, J. A. R. (2020b). Filosofia da linguagem bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos – RevDia*, 8(3), 132-151.
- Paula, L. d., & Luciano, J. A. R. (2020c). A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, 33(3), 105-134. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v33i3p105-134>
- Paula, L. d., & Luciano, J. A. R. (2020d). Recepções do pensamento bakhtiniano no Ocidente: a verbivocovisualidade no Brasil. In A. Buturi Jr, S. Braga & T. B. Soares (Orgs.), *No campo discursivo: teoria e análise* (p. 133-166). Campinas, SP: Pontes.
- Paula, L. d., & Luciano, J. A. R. (2020e). Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, 27(49), 15-46.
- Paula, L. d., & Serni, N. M. (2017) A vida na arte a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, 11(25), 178-201. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v11i25.6507>
- Pomorska, K. (1972). *Formalismo e futurismo: a teoria formalista russa e seu ambiente poético*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Renfrew, A. (2017). *Mikhail Bakhtin* (M. Marcionillo, Trad.). São Paulo, SP: Parábola.
- Schnaiderman, B. (1971). *A poética de Maiakóvski através de sua prosa*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Schnaiderman, B. (2010). Semiótica na U.R.S.S.: uma busca de “elos perdidos” (á guisa de introdução). In B. Schnaiderman (Org.), *Semiótica russa* (2a ed., p. 9-27). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Sériot, P. (1999). Anamnésia da língua russa e a busca de identidade na Rússia. In F. Indursky & M. C. L. Ferreira (Orgs.), *Ensaio. Os múltiplos territórios da Análise do Discurso* (p. 23-36). Porto Alegre, RS: Sagra Luzzatto.
- Stalin, J. (1979). Marxisme et questions de linguistique. Lettre à la camarade E. Kracheninnikova. Lettre au camarade Sanjéiev. Lettre aux camarades D. Belkine et S. Fourer. Lettre au camarade A. Kholopov. In F. Gadet, J.-M. Gayman, Y. Mignot, E. Roudinesco, *Les maîtres de la langue, avec les textes de Marr, Staline, Polivanov* (p. 198-236). Paris, FR: François Maspero.
- Stam, R. (1992). *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa* (H. Jahn, Trad.). São Paulo, SP: Ática.
- Tchougounnikov, S. (2005). O dialogismo e a paleontologia da linguagem: o Círculo de Bakhtin na episteme soviética. *Conexão Letras*, 1(1), 1-14. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55657>
- Todorov, T. (1965). *Théorie de la littérature: textes des formalistes russes réunis* (Préface de Roman Jakobson). Paris, FR: Seuil.
- Volóchinov, V. (Círculo de Bakhtin). (2017 [1929]). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (Ensaio introdutório de Sheila Grillo, S. Grillo & E. V. Américo, Trad.). São Paulo, SP: 34.
- Volóchinov, V. (Círculo de Bakhtin). (2019 [1925]). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas* (Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekáterina Vólkova Américo). São Paulo, SP: 34.
- Volóchinov, V. N. (2013). *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos, SP: Pedro & João.
- Zandwais, A. (2009a). Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de Marxismo e filosofia da linguagem. In B. Brait (Org.), *Bakhtin e o Círculo* (p. 97-116). São Paulo, SP: Contexto.
- Zandwais, A. (2009b). O papel das leituras engajadas em ‘Marxismo e filosofia da linguagem’. *Conexão Letras*, 4(4), 1-10. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55584>